Psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento publicado em 08.07.2019

O CURRÍCULO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

2019

Flávio Aparecido de Almeida
Graduado em Psicologia pela UNIFAMINAS.
Graduado em História pela UEMG.
Graduado em Pedagogia pela FINOM.
Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UCAM.
Especialista em Neuropsicologia pela UCAM.
Especialista em Neuropsicopedagogia pela UCAM.
Especialista em Gestão de Saúde Mental pela UCAM.
Especialista em Psicologia Social pela INTERVALE.
Especialista em Ética e Filosofia Política pela INTERVALE.
.Especialista em Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão pela UCAM.
Professor no curso de Psicologia na UNIFACIG.
.Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida (Brasil)

E-mail de contato:
flavio.a.almeida@hotmail.com

RESUMO

O currículo corresponde às práticas desenvolvidas na escola e que envolve os conhecimentos historicamente produzidos e acumulados, articulados às experiencias dos estudantes, os quais contribuem para a formação integral e cidadã. Nas últimas décadas a educação vem buscando construir um currículo aberto, flexível, dinâmico, diversificado e que atenda as reais necessidades dos educandos, contribuindo para o desenvolvimento holísitico do aluno, além de romper com as ideologias dominantes. O objetivo da pesquisa é refletir de que forma o currículo é capaz de promover a ampliação dos conhecimentos e favorecer a efetivação da educação escolar cidadã. Subsidia esse trabalho autores tais como: Candau (2010), Moreira (2010), Silva (2011), dentre outros estudiosos da temática. Conclui-se que o currículo necessita propiciar ao aprendiz a possibilidade de atribuir significados à sua vida e ao mundo, instrumentalizando-o para a transformação social e rompimento da dominação e manipulação das classes dominantes.

Palavras-chave: Currículo, conhecimentos, educação cidadã.

Copyright © 2019.
This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

O CURRÍCULO ESCOLAR

O currículo deve ser encarado numa perspectiva prática que concebe a educação como uma atividade que ocorre através da interação humana, propiciando ao aprendiz a possibilidade de atribuir significados à sua vida e ao mundo, além de considerar o conhecimento como uma construção social.

Assim, as propostas de inovações curriculares que permeiam o espaço educacional devem ressaltar os princípios de flexibilidade e destacar a contextualização, ampliando as possibilidades de desenvolvimento de uma aprendizagem integrada e significativa na escola.

Essas perspectivas representam o rompimento com a tradição de organização curricular que durante séculos, pautou-se pela ênfase nos aspectos formais do conhecimento e pela uniformidade de caminhos a seguir.

Desta forma, no lugar de um modelo fechado e transmissivo de educação, constituído de conhecimentos fragmentados, situações artificiais de aprendizagem, professores e alunos executores de ordens e programas, propõe-se um modelo aberto e interativo, constituído de conhecimentos reais, articulados em contextos significativos de aprendizagem, em que professores e alunos assumem uma atitude ativa e investigativa, agindo cooperativamente para atingir objetivos compartilhados.

O currículo é o instrumento básico da organização do trabalho na escola. Nesse sentido, ele deve integrar o formal e o não-formal, vinculando o escolar e o não-escolar. Os conteúdos não devem ser transmitidos de forma desvinculada do cotidiano.

É preciso superar nossa tradição educacional que identifica o conhecimento somente como conteúdo expresso nos livros e programas de ensino, como algo pronto e acabado que só poucos podem produzir. Sendo assim, o currículo não pode ser visto como algo estático, em que as

preocupações se limitam somente em colocar ou retirar disciplinas do plano curricular, aumentar ou reduzir a carga horária, o currículo precisa ser percebido como processo.

Diante deste contexto, o objetivo da pesquisa é refletir de que forma o currículo é capaz de promover a ampliação dos conhecimentos e favorecer a efetivação da educação escolar cidadã.

A pesquisa justifica-se por demonstrar que o currículo é a matéria-prima com a qual lidam o professor e o aluno na construção de seus saberes, por isso deve ser encarado como instrumento capaz de colaborar na formação do sujeito crítico, autônomo, capaz de construir seu próprio conhecimento e modificar a realidade que o cerca.

Subsidia esse trabalho autores tais como: Candau (2010), Moreira (2010), Silva (2011), dentre outros estudiosos da temática.

O artigo inicia-se fazendo uma breve descrição das teorias que embasam o currículo fazendo uma passagem pela tradicional, crítica e pós-critica, em seguida buscou-se descrever a função do currículo no contexto escolar e suas contribuições na construção do sujeito questionador e capaz de romper com as amarras da dominação social.

ANALISANDO O CURRÍCULO ESCOLAR

O termo currículo vem do latim curriculum, que significa corrida, curso, percurso, lugar onde se corre (MOREIRA, 2010). No contexto educacional ele começou a ser usado no século XVI, onde teria sido empregado para imprimir mais rigor à organização do ensino, especialmente o universitário. Sendo assim, sua origem está associada ao controle do processo educacional e à ideia de formalização e eficiência do ensino.

Diversos autores e pesquisadores se dedicaram ao estudo do currículo, tais como Candau (2007), Moreira (2010) Silva (2011) e acreditam que o termo currículo recebeu diferentes conceituações e apreensões quanto ao seu significado ou função ao longo da história, os quais variam conforme os contextos históricos e culturais em que estão situados.

Assim, é possível afirmar que o termo currículo é polissêmico e que, muitas vezes, não há consenso entre tais conceituações, sendo que essas remetem a diferentes concepções, valores e intenções, os quais implicam diretamente na prática pedagógica.

Dessa forma, cabe ao professor conhecer tais conceituações de maneira contextualizada, não com finalidade de elucidar o verdadeiro conceito de currículo ou de eleger o melhor conceito, mas compreender como o currículo tem sido definido pelos diferentes autores e teorias, e assim, ter

condições para avaliar quais dessas conceituações melhor atendem às necessidades do contexto educativo que está inserido.

Professores em diferentes épocas e lugares sempre estiveram envolvidos com o currículo, antes mesmo de esse termo ser empregado. No entanto, estudos e pesquisas especializados e específicos sobre o currículo surgiram pela primeira vez nos anos de 1920, nos Estados Unidos, em um contexto caracterizado pela massificação da escolarização em decorrência do processo de industrialização e dos movimentos migratórios.

A emergência do currículo como campo de estudos está diretamente legada à constituição de um grupo de especialistas, de disciplinas e departamentos sobre currículo ligados às universidades; à criação, pelo Estado de setores especializados em currículo; a publicações, em revistas acadêmicas sobre pesquisas e estudos a respeito da temática.

Silva (2011) descreve as teorias do currículo desde a sua gênese, até as pós-críticas com base em vários estudos de autores desse campo. Segundo o autor as teorias são: tradicional, crítica e pós-critica.

Segundo Macedo (2009, p. 21):

> Profissionais da educação, especialmente aqueles ligados a administração escolar, dedicaram-se a racionalizar o processo de construção, desenvolvimento e testagem de currículos inspirados nas ideias desenvolvidas por Bobbit, no livro The Curriculum (1918). Este por sua vez buscou na administração cientifica fabril os fundamentos para desenvolver os estudos sobre currículo.

Para Oliveira (2008) Bobbit propunha que a organização e o funcionamento da escola fossem iguais aos de uma empresa comercial ou industrial. Dessa maneira, a instituição escolar deveria adotar o modelo proposto por Frederick Taylor. A orientação de Bobbit se constituiu em uma das vertentes dominantes da educação nos Estados Unidos no século XX e se destacou entre as teorias tradicionais do currículo.

As teorias profissionais, compreendem que o currículo se reduz a uma atividade técnica, burocrática e administrativa. É entendido como descrição detalhada e precisa de conteúdos, objetivos, procedimentos e métodos, os quais devem ser rigorosamente seguidos e mensurados, a fim de assegurar a formação de indivíduos que exerçam com eficácia suas ocupações profissionais quando adultos.

Essas teorias não possuem em seu bojo a preocupação com a transformação das estruturas sociais e vigentes e consideram-se neutras, desinteressadas e científicas, pois justificam que trabalham exclusivamente com os conhecimentos científicos do patrimônio histórico cultural da humanidade.

A partir da década de 1960, intensos debates, protestos e reinvindicações surgiram em diversos movimentos sociais e culturais em prol de melhores condições de vida e garantia dos direitos da população. Foi nesse contexto que apareceram produções que questionavam a estrutura e as teorias educacionais tradicionais, sendo que cada país ou região predominou a contribuição de determinado representante ou grupo de representantes (MOREIRA; SILVA, 2007).

As teorias críticas do currículo se opõem aos fundamentos das teorias tradicionais, sendo que a questão do poder é que as caracterizam antagônicas. Enquanto as teorias tradicionais defendem a aceitação, a adaptação e a manutenção da estrutura e das condições sociais vigentes, as teorias críticas defendem a transformação social.

A maneira tradicional de conceber o currículo está ligada à ideia de que compete a escola, veicular informações originadas de uma fonte que não admite contestações: a ciência.

Gomes (2007, p. 12), descreve que "o saber da escola é um saber peculiar que se distingue do saber da vida. A escola considerada templo do saber, tem suas raízes na tradição positivista, segundo o único saber válido é o científico, fruto das mais diferentes áreas de investigação".

A escola tradicional é a que se propõe ser repassadora de conhecimentos. Seu objetivo primordial é valorizar o estoque de informações, repartindo-o com os indivíduos que a frequentam com diferentes graus de sucesso e proficiência.

Sob o prisma tradicionalista, o currículo é instrumento para preparar os indivíduos para o desempenho de funções requeridas através do meio social. O aluno é concebido como matéria bruta a ser transformada em refinado produto, com rigorosas especificações do processo e do produto requerido (SILVA, 2011).

Este modelo de currículo está presente em muitos processos de reformulação curricular, nas escolas que se limitam a fazer arranjos para reorganizar os conteúdos e distribuí-los segundo denominações modernas, bem como a refazer programas e as simuladas das diferentes disciplinas pedagógicas.

Conforme enfatiza Santos e Moreira (2014, p.48)

> A escola dentro da visão tradicional de currículo é vista separada da vida do educando. O saber escolar é um saber desintegrado, que ignora os conhecimentos, as experiências dos sujeitos, num flagrante desprezo pelos alunos de origens sociais desprivilegiadas.

Os alunos oriundos das classes desprivilegiadas em decorrência de sua experiência pregressa, não correspondem ao padrão considerado desejável e amiúde fracassam diante das exigências propostas pela escola.

Porém na escola convivemos, com dois currículos, o oficial/formal e o informal. A realidade curricular é, portanto, representada pelo conjunto de atividades e experiências formais e informais vivenciadas pelo aluno. Neste sentido, compete aos atores escolares, identificar, conhecer, avaliar e encontrar soluções alternativas que reconheçam e superem essa distância entre o oficial e o real, ou seja, entre o previsível e o imprevisível na escola.

Segundo Pacheco (2007, p.41), "com o currículo oficial indica-se o que está determinado no papel, em programas, prospectos, etc., e o currículo real denota aquilo que se faz na prática".

O currículo precisa se definir hoje, como instrumento de compreensão do mundo. A experiência escolar como um todo deve encaminhar para uma compreensão crítica e construtiva da realidade. Esta realidade só se torna conhecida quando é dado a cada homem, o direito de criar a realidade humana de forma prática.

Em relação às teorias críticas, o currículo não é neutro, tampouco desinteressado. Ele é utilizado pela escola para transmitir e validar as crenças e os conhecimentos das classes dominantes a fim de contribuir para a manutenção e a reprodução da sociedade capitalista, convencendo de que esta é a adequada e necessária.

Assim, as classes dominadas não veem sentido naquilo que a escola oferece, convencem-se de que são responsáveis pelo próprio fracasso escolar e de que a escola não é lugar para elas. Dessa forma, perdem a oportunidade de saírem da condição em que se encontram permanecendo na condição de dominação.

Segundo Silva (2011, p. 47)

> É necessário pontuar que as teorias críticas são constituídas por, pelo menos de três teorizações, as quais de maneira geral, são convergentes e concordam com os mesmos pressupostos, dialogam e fornecem elementos para o desenvolvimento uma da outra, mas também possuem suas diferenças e especificidades teóricas. Destacam-se as teorizações críticas mais gerais, as teorizações centradas em questões curriculares, e as teorias críticas gerais da educação.

Com base nas contribuições desses teóricos, a educação escolar passou a compreender o currículo como elemento estruturante da instituição escolar, o qual propõe conhecimentos e experiencias de aprendizagem relacionados diretamente à situação existencial do estudante e que oportunizem a formação integral destes, ou seja, a formação de sujeito autônomo, crítico e criativo, que tenha condições de analisar, interpretar e interferir na realidade em que vive.

Assim a seleção, a organização e a sistematização desses conhecimentos e experiencias devem ser realizadas pela comunidade escola, mediante as necessidade e especificidades de seus

estudantes, o contexto em que está inserida e de acordo com as finalidades da instituição escolar por meio de um ensino ativo e efetivo.

Segundo Candau (2010, p. 74) "o currículo não existe por si só, os diferentes sujeitos são os produtores, construtores e realizadores curriculares nas condições concretas da escola e da sociedade". Dessa forma, o centro do currículo, nessa perspectiva, é a pessoa, o sujeito.

Deste modo, os processos de inovação curricular devem ter em mente que sujeitos ativos são sujeitos cognitivos. Isto porque o aluno que constrói o conhecimento, mas todos aqueles cuja atenção se volta para a mesma realidade.

Esse processo de mudanças aceleradas passa a exigir habilidades que se situem o homem no espaço e no tempo, comprometido com a história da humanidade e consciente de seu dever de cidadão. Consequentemente, para atingir tais finalidades e superar esses desafios, torna-se necessário repensar a prática pedagógica e trabalhar conhecimentos habilidades e atitudes de forma criativa, com a utilização de novas estratégias de ensino e recursos didáticos que ampliem o espaço da sala de aula como espaço de possibilidades.

Segundo Schimidt (2003), é preciso oferecer a possibilidade de um trabalho crítico em sala de aula, onde o professor aprofunde sua compreensão sobre as mudanças pelas quais passa o aluno, além disso, que ele use de perseverança e criatividade para organizar e conduzir as situações-problemas de modo a garantir a participação e interesse dos alunos.

Há de se ter, pois, o cuidado de evitar práticas que padronizem o pensamento, as ideias, as percepções. Se se pretende formar o cidadão crítico, capaz de fazer análise, julgamento, síntese, todas as atividades devem levar em conta a necessidade de desenvolver o raciocínio e demais capacidades mentais do aluno.

Dessa maneira o professor deixa de ser apenas um transmissor de conhecimentos e transforma-se no educador que orienta e cria oportunidades para que o aluno aprenda. Ele mediatiza a relação entre o aluno e o conhecimento.

Assim, a educação comprometida com a real aprendizagem do aluno envolve um conjunto de procedimentos em que se destacam o "saber professor", o "saber fazer", e o "por que fazer", e principalmente como o aluno aprende. É preciso que o professor permita a construção concreta do conhecimento pelo aluno, situando-o no seu contexto histórico, social e cultural. Como aprende, o que sabe, o que precisa aprender. É preciso considerar que o aluno é portador de muitos saberes e levar em conta ainda as suas necessidades e expectativas, além da realidade do seu meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como se referir ás finalidades do trabalho da escola e do professor sem analisar e discutir o currículo escolar, pois este se constitui no planejamento da organização didático-pedagógica dessa instituição e corresponde às práticas escolares que envolvem os conhecimentos do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico articulados às experiencias dos estudantes ou seja, o currículo escolar está diretamente atrelado à função social da escola.

Nessa perspectiva, para desenvolver o currículo escolar cabe ao professor elaborar e efetivar outra dimensão do planejamento escolar: o plano de trabalho docente, que organiza as ações na sala de aula, com os estudantes e se constitui no instrumento orientador da prática pedagógica, contribuindo para que ela seja segura e consciente.

A escola precisa ouvir, conhecer, acolher, respeitar e valorizar na construção de seu currículo as condições de vida, os valores, os hábitos, os saberes e a cultura dos estudantes, bem como dos seus professores, além de verificar se estes estão na profissão por inteiro, se estão abetos ao diálogo, ao debate.

Além disso, é fundamental conhecer o contexto em que se realiza a construção do currículo: a sala de aula, a escola, o bairro, a comunidade; ou seja, os condicionamentos que interferem no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Vera Maria. *Indagações sobre currículo*: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2010.

GOMES, Nilma Lino. (Org.) *Indagações sobre currículo* : diversidade e currículo–Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MACEDO, Elizabeth. *Como a diferença passa do centro à margem nos currículos*: o caso dos PCN. Educação & Sociedade, Campinas, n. 106, p. 23-43, 2009.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Currículo, cultura e sociedade.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Zélia Maria Freire de. *Currículo*: um instrumento educacional, social e cultural. Revista Diálogo Educacional. Curitiba, v. 8, n. 24, p. 535-548, Maio-Agosto de 2008.

PACHECO, M. M. D. R. *Currículo, interdisciplinaridade e organização dos processos de ensino*. Fundação Hermínio Ometto / Uniararas, 2007.

SANTOS, L. L. C. P. e MOREIRA, A. F. *Currículo*: questões de seleção e organização do conhecimento. Idéias, n. 26, p. 47-65, 2014.

SCHIMIDT, E. S. *Currículo: uma abordagem conceitual e histórica*. Publ. UEPG. Hum., Ci. Soc. Apl., Letras e Artes. Ponta Grossa. Vol. 11, nº. 1, pp. 59-69, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade:* Uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.